

# O PROTAGONISMO DE TRÊS MULHERES NA DIFUSÃO DOS JARDINS DE INFÂNCIA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

VINICIUS MONÇÃO<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre a participação de mulheres no interior do movimento kindergartiano estadunidense que atuavam na divulgação e implementação dos jardins de infância, na segunda metade do século XIX. Para tal investimos análise na coletânea “*Papers of Froebel’s Kindergarten, with suggestions on principles and methods of child culture on different countries*” (1881), na qual identificamos a presença de mulheres. Como esteio teórico-metodológico para o tratamento das fontes nos aproximamos do campo da história da educação, da história social e história de mulheres. Como resultado, consideramos a existência de uma cultura kindergartiana produzida pelo movimento froebeliano ao qual as mulheres possuíam centralidade.

**Palavras-chave:** História da Educação; História das Mulheres; Jardim de Infância.

## THE PROTAGONISM OF THREE WOMEN’S IN THE DISSEMINATION OF THE KINDERGARTENS IN THE UNITED STATES OF AMERICA IN THE SECOND HALF OF THE 19<sup>TH</sup> CENTURY

## Abstract

This article aims to discuss the presence and participation of women’s within kindergarten movement in USA that were involved in the dissemination and implementation of kindergartens, structured from the second half of the nineteenth century. We invested analysis in the collection “*Papers of Froebel’s Kindergarten, with suggestions on principles and methods of child culture on different countries*” (1881), where we identified the presence of women. As a theoretical and methodological mainstay we have chosen to approach the field of education history, social history and women’s history. As a result, we consider the existence of a kindergartian culture produced by the froebelian movement to which the women had centrality.

**Keywords:** History of Education; Women’s History; kindergarten

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ). Bolsista CAPES.

## EL PROTAGONISMO DE TRÉS MUJERES EN LA DIFUSIÓN DE LOS JARDINES DE INFANTES EN LOS ESTADOS UNIDOS DE AMERICA EN LA SEGUNDA MITAD DEL SIGLO XIX

### Resumen

El artículo tiene como objetivo analizar la participación de mujeres en el interior del movimiento kindergartiano estadounidense, en la divulgación y implementación de jardines de infantes en la segunda mitad del siglo XIX. Investimos análisis en la colección “*Papers of Froebel’s Kindergarten, with suggestions on principles and methods of child culture on different countries*” (1881), donde identificamos la presencia de mujeres. El aporte teórico-metodológico para el enfrentamiento de las fuentes nos aproximamos de la área de la historia de la educación, historia social, historia de las mujeres. Como resultado consideramos la existencia de una cultura kindergartiana producida por el movimiento froebeliano y que las mujeres tenían centralidad.

**Palabras clave:** Historia de la Educación; Historia de Mujeres; Jardín de Infantes.

---

### 1 Introdução

A coletânea “*Papers of Froebel’s Kindergarten, with suggestions on principles and methods of child culture on different countries*”, publicada em 1881, foi organizada por Henry Barnard (1811–1900), editor do periódico *American Journal of Education* (1855–1881) e, na época, presidente da *American Froebel Union* (GONDRA; SUASNABAR, 2016). A obra, impressa na cidade de Hartford, Connecticut, possui 806 páginas, é composta por artigos publicados, anteriormente, no *American Journal of Education* como manuais, folhetos, cartilhas, capítulos de livros, discursos, textos traduzidos para a língua inglesa e outros materiais, por ele selecionados, que versam sobre o *Kindergarten*/Jardim de Infância<sup>2</sup>.

O termo *Kindergarten* é utilizado pelos autores da publicação de 1881 de modo polissêmico. Ora o termo é utilizado para designar uma metodologia de ensino, ora como instituição educativa voltada para crianças com idades entre quatro e sete anos, ora como modelo educativo. Nesse jogo de enunciados, as diversas dimensões existentes sobre o termo são colocadas em campo no material publicado em 1881. O *Kindergarten Papers*, terminologia utilizada pelo editor do pro-

---

2 O *American Journal of Education* tinha como objetivo tratar da causa da educação nos Estados Unidos. Iniciou sua circulação em 1855 e manteve publicação regular até o ano de 1866. Entre os anos 1867 e 1873 teve circulação intermitente. Nos anos 1874 e 1875, a publicação foi interrompida e voltou a circular após 1875 até 1881, quando foi suspenso. Ver discussão em: Gondra; Suasnabar (2016).

jeto, relata discussões e experiências que estavam em curso em algumas cidades europeias e estadunidenses<sup>3</sup>.

Os argumentos que levaram Henry Barnard a planejar a coletânea estavam pautados no seu interesse em produzir um “guia referencial” que tratasse “de forma clara aos professores, pais e funcionários escolares”, as “reivindicações e os resultados do jardim de infância”, no que se refere a questões voltadas para o “desenvolvimento inicial e da formação do ser humano” (PEABODY, 1881, p. 3). Tais argumentos estão apresentados em carta que enviou à Elizabeth Peabody (1804–1894), solicitando sua cooperação e seus conselhos com relação à educação de crianças pequenas, fossem em ações desenvolvidas nas casas, em jardins de infância ou nas escolas primárias. Ao final da carta, pergunta: “poderia reservar [para ela] a publicação do artigo no próximo número [do *American Journal of Education*] sobre o desenvolvimento do Jardim de Infância?” (PEABODY, 1881, p. 4).

“*Dear Sir*”, iniciou Peabody, “respondo cordialmente ao seu convite para cooperar com o trabalho e para garantir as contribuições de meus correspondentes e companheiros de trabalho, nesse e em outros países”. A resposta de Peabody, em formato de carta, foi enviada a Barnard, tal como ele havia solicitado (PEABODY, 1881, p. 5).

A solicitação de Barnard a Peabody não foi à toa. Ela foi uma das principais agentes a propagar e sistematizar a metodologia froebeliana pelos Estados Unidos, e a primeira pessoa a implementar o *Kindergarten* em língua inglesa, em seu país, na segunda metade do século XIX. Ao retornar da Europa, em viagem de estudo sobre a estrutura dos jardins de infância, reforçou sua trajetória ativista, estabelecendo contato com outras mulheres, políticos e intelectuais (CANTOR, 2013; DEHLI, 1993; SHORT, 1973).

Elizabeth Peabody não foi a única mulher contemplada pela publicação. Além dela, pelo mapeamento daqueles que assinaram os textos, são perceptíveis as seguintes: Mary Peabody Mann (1806–1887), autora do texto “*Lange’s of reminiscences of Froebel*”, irmã de Elizabeth Peabody e esposa de Horace Mann (1789–1859), intelectual reformador do sistema educacional estadunidense (SOUZA, 2010); Lucy Wheelock (1875–1946), que traduziu o artigo “*The Kindergarten – Its genesis and name*”, do original em alemão “*Diesterweg’s Wegweiser*”, de Ferdinand Winther e que atuou também como escritora dos livros *The Kindergarten* (1913) e *The pio-*

---

3 Ao usar o termo “estadunidense” nos referimos aos processos desenvolvidos nos Estados Unidos da América e não temos a intencionalidade de apontar a existência de uma coesão ou de uma noção de unidade entre os estados do país naquele momento. Vale comentar que a noção dos Estados Unidos, como nação estava em processo de forja. Diversos projetos políticos estavam em disputa e as tensões entre eles podem ser percebidas pelas guerras, conflitos e perturbações sociais que ocorreram no decorrer do século XIX. Ver em: Allen, 2017; Karnal, 2017 e Karnal et al., 2007.

*nners of Kindergarten in America* (1923) (ALLEN, 1995); Josephine Jarvis (1859–1934), que traduziu para o inglês *A educação do homem*, de Fröebel, em 1885, com prefácio de Elizabeth Peabody; Bertha Maria Marenholtz-Bulow (1810–1893), principal figura feminina que trabalhou na divulgação do Kindergarten, ao lado de Fröebel, escritora de livros; Emily Meyer, tradutora de texto originalmente publicado em alemão, por J. H. von Fichte, ao qual intitulou “*The national education demanded by the age, considered in connection with the educational system of Friedrich Froebel*”; Henriette Breymann Schrader (1827–1899), autora do artigo “*The principles of Froebel, as understood and applied in the Kindergarten at 16 Steinmetz Strasse, Berlin*” (BARNARD, 1881, p. 451), traduzido por Madame Hony Schrader, que foi aluna de Fröebel e proprietária de Jardim de Infância em Berlim; Madame Portugall, inspetora de escolas infantis em Cantão, Genebra, é a autora do texto “*Criticisms on Froebel’s system and its extensions*”, que fora traduzido por Mary Mann; Elizabeth Adelaide Manning (1828–1905), membro da *London Froebel Society*, autora do texto “*Some difficulties and encouragements in Kindergarten work*”, que além da participação no movimento kindergartiano em Londres, fora ativista, durante o período do império britânico, em prol da educação de meninas na Índia (MARTEL, 1996); Mary Lyschicka (1849–1937), autora do texto “*The Kindergarten principle in infant schools*”, personagem de destaque no movimento kindergartiano na Grã-Bretanha e que trabalhou junto com Henrietta Breyamnn Schrader, na Alemanha e em Londres, posteriormente; Louise Plessner Pollock (1833–1901), autora do texto “*Kindergarten methods in public primary schools*”, diretora do Instituto Normal de *Kindergartens* de Washington, D.C., imigrou da Prússia para os Estados Unidos, com seu esposo, e ali atuou no movimento froebeliano (ALLEN, 1995); Emma Marwedel (1818–1893), autora do texto “*Kindergarten work in California*”, estudou na *Froebel School* em Hamburgo, migrou para os Estados Unidos onde atuou no movimento froebeliano, juntamente com Elizabeth Peabody, em Nova York e, posteriormente, mudou-se para São Francisco, Califórnia, onde inaugurou o primeiro *Kindergarten*. Além dessas, há Elizabeth Peabody (1804–1894), Maria Kraus-Boelté (1836–1918) e Susan Blow (1843–1916), que atuaram como escritoras, formadoras de jardineiras e articuladoras políticas no contexto estadunidense. Suas vidas, atuações e relações serão melhor abordadas no decorrer do texto. Todas essas mulheres, de nacionalidades estadunidense e de vários países da Europa, participaram ativamente do processo de divulgação e implementação do *Kindergarten* em seus países e do trânsito cultural sobre o modelo “ideal” de educação da infância moderna.

Frente à participação delas na obra analisada, destaco a possibilidade de problematizações referentes à participação de mulheres e as relações de gênero no movimento kindergartiano.

Esta questão, por sua vez, não pode ser analisada de forma isolada ou ausente de historicidade. Relaciona-se à ocupação de espaços sociais por mulheres, no decorrer do século XIX, no qual o processo de escolarização feminina pode ser visto como fator de grande impacto para esta população, no que se refere ao acesso e à permanência em espaços educacionais. Castanha (2015) propõe discutir a questão da presença de mulheres em espaços sociais, antes não verificados, a partir do processo de escolarização que sofreram no decorrer do século XIX. Segundo o autor, tal questão pode contribuir para a ampliação das discussões referentes à feminização do magistério. Embora o autor não aborde o caso europeu nem estadunidense, penso que, salvo particularidades de outros contextos, suas considerações podem favorecer a ampliação da discussão que aqui proponho. Para tentar responder à questão acima colocada, levarei em consideração os seguintes pontos: 1) a estrutura do pensamento froebeliano de educação de crianças pequenas em voga no século XIX; 2) a conceituação do que chamo de “cultura kindergartiana” e 3) a participação de mulheres nessa cultura, o que possibilitou o surgimento de uma tradição de mulheres escritoras dentro deste universo.

## **2 Delimitações do pensamento froebeliano como forma de situar o que seria cultura kindergartiana e a agência de mulheres**

Propostas voltadas à institucionalização de crianças menores de sete anos foram uma questão recorrente, perceptível em ações desenroladas na Europa durante os séculos XVIII e XIX (LUC, 1995), que pendulavam entre ações ofertadas por instituições asilares e de cuidado e aquelas voltadas para a iniciação dos pequenos no modelo e cultura escolar. Neste cenário, três pensadores se destacaram: Johann Heinrich Pestalozzi (1746–1827), Johann Friedrich Herbart (1776–1841) e Friedrich Wilhelm August Fröbel (1782–1852) (ARCE, 2002; CHAMON, 2005; 2008; DURÃES, 2011).

A partir do contato com a produção historiográfica existente (ARCE, 2002; BASTOS, 2001; KULHMANN JUNIOR, 2001), é possível perceber que as ações desenvolvidas no Kindergarten estavam apoiadas em atividades que objetivavam o desenvolvimento dos aspectos físico, cognitivo e moral (de cunho religioso) nas crianças. Essas atividades, quando bem direcionadas, proporcionariam que as crianças pudessem se tornar sujeitos aptos para a vida em sociedade.

É possível afirmar que a metodologia kindergartiana alcançou alto grau de especialidade e complexidade a partir do momento em que seus princípios e propostas ganharam o mundo. Diversos sujeitos aderiram à causa e se organizaram em torno dela. Homens e mulheres, aos poucos, foram surgindo no cenário das discussões sobre educação no decorrer do século XIX, e o modelo de escolarização da infância abaixo de sete anos, a partir do modelo do Kindergarten, se consolidou (LUC, 1995).

Diante deste panorama, selecionei três mulheres que atuaram no movimento kindergartiano estadunidense, Elizabeth Peabody, Maria Kraus-Boelté e Susan Blow, por nelas identificar um importante papel assumido na organização de redes de sociabilidade e participação nas disputas políticas, por terem se tornado referência na formação de novas jardineiras e, ainda, por identificar nelas traços que correspondem à parte do núcleo da primeira geração de ativistas da educação infantil no país do norte. Sobre a produção escrita das três, deterei atenção sobre aspectos que nos permitem pensar o movimento de kindergartiano estadunidense como elemento que atuou, simultaneamente, como resultado às ações principiadas por Fröebel, na primeira metade do século XIX, e como constituidor de uma determinada “cultura”.

A narrativa de Peabody (1881) está dotada de uma escrita memorialística que recupera os princípios da vida de Friedrich Fröebel, o criador do Jardim de Infância. Como um estado da arte, ela apresenta diversos sujeitos, homens e mulheres de classes sociais e grupos distintos, que atuaram em prol da divulgação da cultura kindergartiana e da criação de jardins de infância, tanto em cidades da Europa Ocidental como em cidades dos Estados Unidos. A autora discorre sobre aspectos referentes à criação de associações sobre a temática, como a *Froebel Society* em Londres (1874), o surgimento de revistas, livros, manuais e jornais específicos sobre a cultura kindergartiana e a criação de instituições de treinamento de mães e jardineiras, tanto nos Estados Unidos como em cidades europeias, paralelamente.

O texto de Blow (1881) aborda características distintas, adotadas na organização dos jardins de infância existentes naquele período. Segundo ela, ao mesmo tempo em que se reconhece a existência de várias formas de Jardim de Infância, existe unidade entre eles, pois todos seguem um “programa teórico” que embasa os trabalhos no jardim, músicas, brincadeiras, histórias, conversações, refeições e exercícios, os ‘dons’, objetos pedagógicos desenvolvidos por Fröebel, e ocupações em atividades de perfuração, costura, desenho, bordados, dobras, recortes e modelagem em argila (BLOW, 1881).

A partir dos elementos capturados nos textos de Peabody e Blow, considero possível pensar a existência de uma cultura kindergartiana através da aproximação com a noção de cultura oportunizada por Thompson (2011). Compreendendo-a

como um “sistema de atitudes, valores e significados” (THOMPSON, 2011, p. 17) inserido em um campo de disputas entre elementos conflitivos. Considero que as proposições educativas desenvolvidas por Fröebel permitiram a criação de um sistema cultural específico, que integrava diversos sujeitos que comungavam valores e ideais em comum. O que não significa dizer que reinava, entre eles, o consenso absoluto nos discursos e práticas situados dentro desse referencial.

Os “ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração” (THOMPSON, 2011, p. 17), dentro do universo kindergartiano, são fartos. Manuais, professores referenciais, a criação de associações, a criação de mitos em torno da figura do fundador, terminologia e objetos específicos, entre outros, podem ser entendidos como aspectos pertencentes à cultura kindergartiana.

Além dos aspectos citados, é possível afirmar que a cultura kindergartiana contribuiu com a formação de identidades dos sujeitos que estavam inseridos nela, principalmente, a infantil e a feminina. Com relação a esta última, ela foi aprofundada e legitimada sobre a identidade feminina-materna, pois a figura da mulher era um ponto central na metodologia froebeliana. Considerada como a “mãe espiritual da humanidade, é o seu educador no sentido mais elevado da palavra e é essencialmente o ponto de partida de seu método de ensino” (BARNARD, 1881, p. 222-223). Vocacionada ao lar, “a educadora da humanidade” (BARNARD, 1881, p. 169), mãe por natureza. Dotada dos dons do cuidado e afeto. Possuidora da graça do educar as suas crias e das outras mulheres. Sob essa perspectiva, Fröebel desenvolveu a sua proposta educativa não somente direcionada às crianças, mas também às mulheres, às mães, às jardineiras e às cuidadoras (BARNARD, 1881).

Sobre a dimensão da formação das mães e de jardineiras, de acordo com o espírito da época e com o apregoado por aquelas e aqueles que estavam inseridos na cultura kindergartiana, “a renovação da sociedade depende de uma reforma moral e essa será dada pela educação. Mas para as primeiras mudanças é necessário começar pelas mãos das mulheres” (WALTER, 1881, p. 190). As jovens mulheres “poderiam, em um ano, serem instruídas e treinadas na prática para o cuidado de crianças pequenas” (WINTHER, 1881, p. 89), a partir dos cursos de formação.

Sobre essa dimensão, a personagem Maria Kraus-Boelté (1836-1918) se destaca. Kraus-Boelté é descrita, pelas fontes e historiografia estadunidenses, como uma mulher que atuou de forma ampla e ativa no processo de divulgação e estruturação do Kindergarten nos Estados Unidos, e na formação de jardineiras, nacionais e estrangeiras.

Kraus-Boelté nasceu em 1836, no Grão-Ducado de Mackelmburgo-Schewerin, região noroeste da atual Alemanha, migrou para os Estados Unidos no ano de 1872 (THE NEW YORK TIMES, 3 de novembro de 1918, p. 21). Na cidade de Nova York, juntamente com seu esposo John Kraus, no ano de sua chegada ao “Novo Mundo”, teve a iniciativa de criar uma escola voltada para a formação de jardineiras aos moldes da metodologia do conterrâneo e professor Fröebel (NEW YORK DAILY TRIBUNE, 27 de maio de 1900, p. 6, 7 de setembro de 1907, p. 10; THE NEW YORK TIMES, 3 de junho de 1900, s/p).

Sua atuação não se limitou a criar, gerir e formar profissionais nos limites físicos da *New York Seminary for Kindergartners with a Model Kindergarten*, que “graduou mais de mil mulheres jovens que perpetuaram seus princípios de ensino em diversas partes do mundo” (THE NEW YORK TIMES, 3 de novembro 1918, s/p), dentre as quais está a professora brasileira Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, entre os anos de 1883 e 1887 (CHAMON, 2008; MONÇÃO, 2016) que, com John Kraus, organizou e publicou, em 1887, o *Kindergarten Guide* “em dois volumes”, com o objetivo de “dar um completo entendimento da pedagogia de Froebel” (CHAMON, 2016, p. 23). Sua inserção na temática permitiu a atribuição do apelido “a mãe do kindergarten” (NEW YORK DAILY TRIBUNE, 31 de dezembro 1900, p. 5).

Dentre as personagens, ela é a única que possui uma escrita em primeira pessoa. Assim como no episódio com Elizabeth Peabody, Barnard enviou carta a Maria Kraus-Boelté com o seguinte conteúdo:

Eu imploro que você escreva todas as indicações interessantes que você, tão amavelmente, narrou para mim sobre sua própria formação, bem como de seus estudos especiais de princípios e no método de Fröebel em Hamburgo, e a prática no seu próprio jardim de infância antes e depois que você ouviu falar de Fröebel. Essas informações confirmam a sagacidade do grande mestre da cultura infantil, mostrando que o seu sistema para estar de acordo com a natureza, e indicar o tipo de caráter, educação, e formação necessários para o maior sucesso no trabalho do jardim de infância. Duvido que Fröebel poderia ter projetado um curso especial mais admiravelmente equipado do que aquela que, na providência de Deus, você fez. Tais reminiscências como o seu é interesse total e instrução para todos os educadores (BARNARD, 1881, p. 537).

No texto-resposta, intitulado “*Reminiscences of Kindergarten Work*”, Maria Kraus-Boelté narra sua trajetória educativa, desde a infância até aquele momento, em uma escrita muito próxima do gênero autobiográfico. Em virtude do seu relato rico em detalhes, penso ser importante discorrer sobre o texto.

Maria demarca que, na infância, recebeu formação no âmbito doméstico. Embora não tenha frequentado o jardim de infância, por não existir à época, aprendia com instrumentos similares ao incorporado por Fröebel na metodologia do *Kindergarten*. Blocos de construção, tabuletas de jogos, palitos e sementes, esteira para atividade de tecelagem, pedaços de papel, tesouras, desenhos etc. fizeram parte da sua infância.

Aprendera a ler aos quatro anos. Na classe que frequentava havia 20 crianças, meninos e meninas com idade aproximada a sua. Os estudos diários duravam três horas, “na primeira tinha escrita e aritmética, na seguinte tricô e costura e na última dançava o Minueto com seus dois irmãos e irmãs mais velhos”. Após essa etapa, por volta dos seis ou sete anos, mudou para uma classe menor, na qual havia dois meninos e três meninas. Os estudos também duravam três horas diárias e eram comandados pelo clérigo da cidade. “Quatro horas por semana eram dedicadas às histórias bíblicas entremeadas com geografia e história natural; leitura e escrita do alemão; aprendia de cor poesias e hinos. Na igreja local tinha aulas de piano e canto” (KRAUS-BOELTÉ, 1881, p. 538).

Aos sete anos, seu pai contratou um professor especial para ela e seus irmãos. Chamava-se Mr. Massmann e morou na casa por três anos. Recebiam instrução na parte da manhã e pela tarde. Também tinham aulas de piano e canto. Ensinava a eles: latim, francês, matemática, história universal, geografia, aritmética, desenho e história natural. Além das aulas, havia excursões diárias para “introdução das maravilhas da natureza” (KRAUS-BOELTÉ, 1881, p. 539).

O senhor Massmann era o preceptor a quem foi confiada a formação dos filhos do Dr. Ernest Boetlé, advogado, pai de Maria Kraus. A família de Kraus era de linhagem aristocrática do Grão-ducado de Mecklenburg-Schwerin, atual região noroeste alemã. O ramo do seu pai tinha tradição de atuação no serviço público, com exceção de uma tia, Fanny Tarnow, que era uma “escritora popular”. O ramo familiar materno era composto por profissionais liberais. Frequentemente os parentes visitavam a casa dos Kraus, o que a transformava em um “centro de literatura, encontros, entretenimentos musicais, com jantares, chás e cafés” (KRAUS-BOELTÉ, 1881, p. 537).

Em 1848, ano da Grande Revolução Popular em diversos países europeus contra as monarquias (HOBSBAWN, 2009), seu pai teve que deixar a cidade e, a convite do Grão-duque, passaram a residir na sua casa de verão. Nesse período, Maria e suas irmãs foram enviadas para uma escola feminina. Ali tinham aulas de física, matemática, astronomia, botânica, composição, literatura, francês, piano, desenho e belas artes. Havia excursões para observar a natureza, as estrelas e na

galeria de arte no castelo do Grão-duque. O tempo que sobrava se dedicava a brincar com suas bonecas (KRAUS-BOELTÉ, 1881, p. 540).

Maria Kraus-Boelté relata que tempos depois foi transferida para uma nova escola de meninas. Ali o trabalho ficou mais difícil. A quantidade de alunas aumentou, assim como as tarefas e o tempo de estudo. Tinha aula de conversação em francês e em alemão, gramática alemã, geografia, história universal, história natural, aritmética (álgebra), geometria, matemática, filosofia natural (física), literatura, desenho, canto, composição, costura, instrução bíblica e recitação (KRAUS-BOELTÉ, 1881, p. 540).

Ao completar 15 anos, aponta que precisou sair da escola por motivos de saúde. Nesse período, sua família se mudou novamente para que seu pai pudesse exercer cargo de juiz em outra cidade. Ao se estabelecerem no novo local, Maria foi enviada para a cidade de Hamburgo, onde ficou sob a responsabilidade de uma família conhecida de seu pai desde o tempo dele na Universidade de Göttingen. Sua estadia na cidade durou sete meses. Com essa família ela deu continuidade aos estudos em desenho, literatura bíblica, piano, fenômenos naturais e saúde. Aos 16 anos, voltou para casa. Nesse período, estudava por conta própria, sob a supervisão de seu pai. Ao completar 18 anos, terminou sua formação religiosa e foi apresentada à comunidade. “Depois disso foi inserida na sociedade, e começou um período feliz” na sua vida (KRAUS-BOELTÉ, 1881, p. 541).

A partir da maioridade, Maria passou a exercer trabalhos voluntários, acompanhando sua mãe, com crianças em creche e com as viúvas da comunidade. O trabalho estava na ordem caritativa, com a distribuição de roupas e alimentos para os pobres. Certo dia, sua tia Amély, irmã mais velha de seu pai, sugeriu que ela fosse novamente para Hamburgo estudar o sistema dos jardins de infância de Fröebel, com a viúva dele. Maria conseguiu permissão da sua família, foi aceita pela Madame Fröebel e partiu para Hamburgo (KRAUS-BOELTÉ, 1881, p. 542). Nesse ambiente, teve contato com pessoas ilustres e intelectuais com quem estabeleceu relações.

Durante o período que esteve como aprendiz em Hamburgo,

frequentou dois diferentes cursos de Jardim de Infância sob a direção de Madame Fröebel, e participava do seminário para professores, no qual Mr. Tiedemann era o professor de pedagogia geral e especial e assistido por outros cinco professores (KRAUS-BOELTÉ, 1881, p. 542).

Ao terminar sua formação, deixou Hamburgo para trás e foi, pelo mar, em direção à Inglaterra. Conta que era uma noite “nebulosa e fria” e, no vapor em que estava, era a única passageira mulher. Sentiu medo, seu “coração tremia e faltava

coragem”. Houve “uma tempestade durante a viagem” e “o navio em que estava quase se perdeu entre as falésias” (KRAUS-BOELTÉ, 1881, p. 542). Depois de três dias chegou à cidade de Hull e de lá foi para Manchester.

Na cidade, ficou na casa da Madame Ronge, uma professora que havia sido convidada por algumas importantes famílias da região para que pudesse oferecer estudos sobre a Nova Educação e organizar um jardim de infância, pois ela tinha estado em Hamburgo, em 1849, onde fora pupila de Fröebel. Com ela, Maria Kraus estudou inglês, idioma que não dominava, conduzia o jardim de infância e dava treinamento às jovens no sistema froebeliano. Ronge deixou a Inglaterra e Maria ficou desenvolvendo atividades relacionadas ao Kindergarten até o ano de 1867, quando, no outono, retornou para Hamburgo e depois de algum tempo, por algumas dificuldades no trabalho, retornou para casa de seus pais em Macklenburg (KRAUS-BOELTÉ, 1881, p. 542).

De Macklenburg foi para Lübeck viver com sua irmã. Ali, com ela, iniciou o processo de criação de um jardim de infância e, também, um curso para a formação de jardineiras e cuidadoras. Embora as ideias e aplicações metodológicas de Fröebel estivessem em processo de proibição nos estados germânicos<sup>4</sup>, o magistrado local permitiu que Maria Kraus atuasse com as crianças e as mães “com a condição que não o chamasse de Kindergarten”. Ela considera que a permissão condicionada foi dada porque o magistrado tinha relações com seu pai e que, caso contrário, ele poderia ter negado.

Assim, em outubro, iniciou as atividades com apenas sete crianças. Relata que no Natal havia 22 e em junho do ano seguinte atendia 55 crianças. O trabalho era desenvolvido em quatro salas e um jardim utilizado somente no verão (KRAUS-BOELTÉ, 1881, p. 546).

Segundo suas palavras, o trabalho em Lübeck foi um grande sucesso e, quando Madame Fröebel foi visitá-la, “exclamou com lágrimas nos olhos: ‘Oh, Fröebel tinha que conhecer você – poder ver o seu trabalho; você é, na verdade, a filha espiritual dele’. Jamais vou esquecer essas palavras. Elas me fortaleceram muitas vezes, e me levantaram quando a situação era difícil de lidar”, disse Maria. As atividades em Lübeck se encerraram no ano de 1871, quando Maria foi para os Estados Unidos e iniciou sua trajetória naquele país (KRAUS-BOELTÉ, 1881, p. 548).

A narrativa de Maria Kraus-Boelté nos revela que sua família era da classe abastada (de linhagem aristocrática) e que recebeu educação em casa. Poste-

---

4 De acordo com Allen, o banimento dos jardins de infância dos estados germânicos se deu no contexto da Revolução de 1851, inclusive na Prússia, por alegação de que estas instituições de ensino promoviam o ateísmo e o comunismo nas nações (ALLEN, 1995).

riormente, em um colégio para meninas, aprendeu línguas, piano, dança e trabalhos manuais. Disciplinas essas que fizeram parte do currículo feminino, das escolas destinadas às elites, também no Brasil do século XIX (ALMEIDA, 1998; GONDRA, SCHUELER, 2008; HARNER, 2011). Penso que a grande contribuição da narrativa de Maria Kraus-Boelté é estar em primeira pessoa e permitir revelar aspectos que refletiram em sua vida profissional.

Podemos supor que a solicitação do editor da coletânea indique a centralidade que a experiência feminina possuía (ou desejava possuir) no interior da cultura kindergartiana. A presença dessas mulheres, na publicação de 1881, corresponde a um movimento próprio da cultura kindergartiana que buscava integrar (e não inaugurar) as mulheres no processo de escolarização da sociedade, especialmente, das crianças e das mães e acompanhava as questões vivenciadas à época e que se referiam aos papéis construídos para, e assumidos por homens e mulheres no contexto de modernização das sociedades, com seus processos de industrialização. A cultura ainda carregada pela perspectiva religiosa protestante que favoreceu o florescimento do protagonismo da mulher (SHORT, 1973, p. 10).

Podemos compreender que a formação das mães sobre o sistema froebeliano permitira a integração entre elas e as jardineiras e, assim, em cooperação, estava assegurado o sucesso das ações voltadas para o desenvolvimento infantil. A integração entre as atividades realizadas no *Kindergarten*, em concomitância com as do lar, permitiria a construção de novas gerações “saudáveis”, concorrendo para a eliminação das misérias humanas (WALTER, 1881). Há uma nota de rodapé indicando que o texto original foi publicado em Dresden, por Berlag von Alwin Huahe. O que compõe a coletânea foi traduzido por Louis Walter. Em uma perspectiva de evolução da humanidade, permeada pelos requintes do pensamento positivista.

Ainda, seguindo a direção dada por Thompson, no que se refere ao modo investido na identificação de como os sujeitos atuaram na sociedade, ele problematiza as formas de atuação das mulheres nas esferas pública e política, nos episódios da cultura popular inglesa de “venda de esposas” (THOMPSON, 2011). Thompson, a partir da revisita às fontes, demonstrou que elas eram participantes ativas da prática da sua própria “venda”, um ritual relacionado ao divórcio, o qual acontecia pela autorização e desejo das próprias mulheres, em muitos dos casos por ele arrolados. Diante dessa questão (e perspectiva), o conceito de agência, por ele proposto, contribui para problematizarmos a história da educação em diálogo com as discussões sobre e entre gênero, a partir da participação de mulheres no contexto da cultura kindergartiana.

Susan Blow, personagem de destaque na cultura kindergartiana estadunidense, teve dois textos de sua autoria publicados na coletânea: “*The mother play*

*and nursery song*” e “*Some aspects of the Kindergarten*”, nos quais, como nos textos de suas companheiras, narra suas experiências no mundo e seus saberes em torno dos jardins de infância e do pensamento de Fröebel.

“Miss Blow” pertencia a uma família tradicionalista e de posses em Saint Louis. Nascida em 1843, foi a primeira dos nove filhos gerados pelo casal Minerva Grimsley Blow e Henry Taylor Blow. Teve conhecimento da metodologia froebeliana em viagem realizada à Europa com sua família, em inícios da década de 1870. Ao voltar aos Estados Unidos, iniciou empreendimento próprio de oferta dessa modalidade de ensino na sua cidade (SHEPLEY, 2011). Em busca de formação especializada, ela foi para Nova York, onde se matriculou na Academia de Maria Kraus-Boelté e lá permaneceu até o ano de 1873.

Ao retornar para Saint Louis, acionou e articulou suas redes de sociabilidades e, junto ao superintendente das escolas dos Estados Unidos, William Torrey Harris, e o comissionado de educação, Harris Stowe, ofereceu o Jardim de Infância sob ônus dos cofres públicos. O primeiro desse gênero naquele país (SHEPLEY, 2011, s/p).

O primeiro texto, “*The mother play and nursery song*”, é um homônimo de um livro publicado por Fröebel, traduzido para o inglês por Josephine Jarvis e Fannie Dwight, que fora publicado nos Estados Unidos, por organização de Elizabeth Peabody, na década de 1870. Neste texto, Blow aborda a essência humana existente na criança e os seus processos de desenvolvimento, refutando a afirmativa da época que “a criança não se torna homem mas nasce homem” (BLOW, 1881, p. 575). Problemática de expressão similar fora feita por Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher. Torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1970). Em momentos históricos distintos e cada qual com sua intencionalidade, ambas as mulheres abordaram a questão da força da cultura e da educação na formação humana. Para o desenvolvimento da criança, a partir da obra de Fröebel, discorre sobre os “benefícios” das brincadeiras e cânticos.

No segundo texto, “*Some aspects of the Kindergarten*”, discorre sobre as compreensões existentes sobre os jardins de infância na época, na busca por delinear o sistema froebeliano de ensino, como tentativa de legitimar e dotar identidade própria à metodologia.

Ao mesmo tempo em que reconhece que o Kindergarten possuía várias formas, afirma que ele é orgânico na unidade, pois reconhece a existência de um “programa teórico do jardim de infância, que inclui os trabalhos em jardim, músicas, brincadeiras, histórias, conversações, refeições e exercícios, os ‘dons’ e ocupações” (BLOW, 1881, p. 595-96). Sobre esses aspectos, expõe os significados e sentidos da metodologia de Fröebel, aos leitores.

### 3 Considerações finais

Neste texto, ao lançar mão da abordagem teórico-metodológica sob a perspectiva thompsoniana, estive interessado em propor a criação de olhares que possibilitem perceber o papel ativo desempenhado por mulheres na conformação de um modelo de educação de crianças menores de sete anos que floresceu na segunda metade do século XIX.

No processo de implementação e estabelecimento de escolas voltadas para crianças pequenas, é possível identificar múltiplas agências femininas. Argumentos pautados na “maternidade” e nas mães como “educadoras naturais da infância” (CHAMON, 2016, p. 19), contribuíram fortemente para esse processo forjando um “campo de possibilidades” (VELHO, 1994) de inserção e participação em debates, disputas e execução de projetos sociais em negociação. Embora a participação da mulher, no contexto do mundo ocidental, sempre tenha sido presente, os discursos produzidos pela ciência médica e pedagógica favoreceram a criação de espaços que legitimaram a circulação delas em locais antes não previstos.

Aproximando dos apontamentos apresentados anteriormente, encontro-me em um constante processo reflexivo na tentativa de problematizar o processo de entendimento do que fora ser mulher no interior do movimento froebeliano. Nessa trilha, a coletânea *Papers of Froebel's Kindergarten, with suggestions on principles and methods of child culture on different countries* (1881) pode ser entendida como um recurso que promoveu o reconhecimento e a integração delas no interior da cultura kindergartiana. Frente a tal publicação, podemos pensar e problematizar sobre alguns pontos: a) o lugar que a mulher ocupava no século XIX e ampliar nossas referências com relação à agência desses sujeitos a partir do domínio da cultura letrada e dos saberes pertencentes à tecnologia educacional, nesse caso específico, sobre o *Kindergarten*; b) pode ser visto como um meio de construção da identidade feminina no decorrer do século XIX e início do XX; c) o local daquela que escreveu e na produção de sua subjetividade a partir do ato de “contar sobre sua vida” (RAGO, 2013).

É perceptível que a cultura kindergartiana, no que se refere à criação de identidades e papéis sociais, favoreceu o forjar e a consolidação de uma identidade feminina-materna. Diante dos aspectos apresentados e discutidos, considero ser possível arriscar afirmar que a cultura kindergartiana permite-nos apontar para uma tese hipotética de que ela nos deixa discutir e problematizar a agência feminina na construção de um modelo societário em jogo. A presença delas no interior dessa cultura está para além que uma possível concessão paternalista. Elas se

apropriaram de um espaço que outrora não era disponibilizado e, a partir dele, obtiveram visibilidade na esfera pública.

A produção escrita das três mulheres selecionadas teve como objetivo lançar luz para a agência feminina no interior do movimento kindergartiano estadunidense, na segunda metade do século, como escritoras e propositoras da metodologia froebeliana, seja a partir do compartilhar experiências ou com a produção (ou a tradução) de discurso de legitimação das ações educativas para crianças pequenas. Durante o processo de expansão da proposta pedagógica froebeliana foi possível perceber, pela historiografia e pela análise do corpo documental apresentado durante este artigo, que as mulheres tiveram centralidade, ao que compete aos sujeitos a quem estava destinada a formação (já que inicialmente a função da proposta seria formar as mães para que pudessem promover um desenvolvimento infantil de seus filhos de maneira “científica” e orientada). Fato que propiciou a criação de um corpo profissional exclusivamente feminino. Em vista dessas compreensões é possível afirmar que elas se tornaram agentes colaboradoras no processo de divulgação, expansão e implementação da metodologia froebeliana pelo globo.

Por fim, as escritas das mulheres, contempladas nesse artigo, registraram suas experiências no mundo. Contudo, não se pode esquecer que, mesmo que a publicação apresente um número significativo de mulheres entre aqueles que assinam os artigos da coletânea, ela é marcada pela presença dominante masculina (TEIXEIRA, 2016). Tal fato denuncia um ponto de tensão que o domínio do espaço da escrita passou a enfrentar no século XIX, no campo das relações entre gêneros, em que a equidade entre “mulheres associadas aos homens” era um aspecto colocado por Barnard, em sua publicação de 1881.

## Referências

ALLEN, A. T. American and german women in the Kindergarten movement (1850-1914). In: GEITZ, H.; HEIDEKING, J.; HERBST, J. (Orgs). *German influences on education in the United States to 1917*. Cambridge: University of Cambridge, 1995.

\_\_\_\_\_. *The transatlantic kindergarten: education and women's movements in Germany and United States*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

ALMEIDA, J. S. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ARCE, A. I. *Friedrich Fröebel: o pedagogo dos jardins de infância*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARNARD, H. *Papers on Froebel's Kindergarten with suggestion on principles and methods of child culture*. Hartford: Office of Barnard's American Journal of Education, 1881.

BASTOS, M. H. C. Jardim de crianças: o pioneirismo do Dr. Menezes Vieira (1875-1887). IN: MONARCHA, C. (Org.). *Educação da infância brasileira (1875-1983)*. Campinas: Autores Associados. 2001. p. 31-80.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BLOW, S. Some aspects of the Kindergarten. IN: BARNARD, H. (Org.). *Papers on Froebel's Kindergarten with suggestion on principles and methods of child culture*. Hartford: Office of Barnard's American Journal of Education, 1881.

CANTOR, P. *Elizabeth Peabody: America's Kindergarten Pioneer*. Washington, D. C. National Association for the Education of Young Children, 2013. Disponível em: <[https://www.naeyc.org/yc/files/yc/file/201305/0513\\_OPH\\_Elizbeth\\_Peabody.pdf](https://www.naeyc.org/yc/files/yc/file/201305/0513_OPH_Elizbeth_Peabody.pdf)>. Acesso em: 5 AGO. 2015.

CASTANHA, A. P. O processo de feminização do magistério no Brasil do século 19: coeducação ou escolas mistas. *História da Educação*, v. 19, n. 47, p. 197-212, set./dez. 2015. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/5134>

CHAMON, C. S. A trajetória profissional de uma educadora: Maria Guilhermina e a pedagogia norte-americana. *História da Educação*. v. 12. n. 24, p. 73-99, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29227>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: A trajetória profissional de uma educadora (1864-1914). 2005. 373 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

\_\_\_\_\_. Paraíso das crianças: o kindergarten nos Estados Unidos entre meados do século 19 e início do 20. *História da Educação*, v. 20, n. 48, p. 15-33, jan./abr. 2016. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/56596>

DHELL, K. Women and early kindergartens in North America: uses and limitations of post-structuralism for feminist history. *Curriculum Studies*, n. 1, p. 11-33, 1993.

DURÃES, S. J. A. Aprendendo a ser professor(a) no século XIX: algumas influências de Pestalozzi, Froebel e Herbart. *Educação e Pesquisa*, v. 37, n. 3, p. 465-480, set./dez., 2011. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000300002>

GONDRA, J. G.; SCHUELER, A. *Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_; SUASNABAR, J. Revistas pedagógicas y bobierno (intenso, sutil y prolongado) del profesorado. Estados Unidos, Argentina y Brasil (1855-1881). *Historia de la Educación. Anuario SAHE*. v. 17, n. 1, p. 3-22, 2016.

HARNER, J. Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. *Estudos Feministas*, n. 19, p. 467-474, maio/ago. 2011.

HOBBSAWN, E. *A era das revoluções (1789-1848)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

KARNAL, L. *Estados Unidos: a formação da nação: da colônia à independência: puritanos, índios e negros: a ruptura e o novo país*. São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_ et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

KRAUS-BOELTÉ, M. Reminiscence of Kindergarten work. In: BARNARD, H. (Org.). *Papers on Froebel's Kindergarten with suggestion on principles and methods of child culture*. Hartford: Office of Barnard's American Journal of Education, 1881.

KULHMANN JUNIOR, M. O jardim de infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX. In: MONARCHA, C. (Org.). *Educação da infância brasileira (1875-1983)*. Campinas: Autores Associados. 2001. p. 3-30.

LUC, J.-N. A difusão dos modelos de pré-escolarização na Europa na primeira metade do século XIX. *História da Educação*, v. 9, p. 95-111, 1995.

MARTEL, C. Manning, Elizabeth Adelaide. In: OLSON, J.; SHARDLE, R. (Orgs.). *Historical dictionary of the British empire (K-Z)*. Westport: Greenwood, 1996.

MONÇÃO, Vinicius. Viajar para aprender. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e sua viagem à cidade de Nova York (1883-1887). IN: X Seminário Nacional do HISTEDBR: 30 anos do HISTEDBR (1986-2016). Contribuições para a História e Historiografia da Educação Brasileira, 2016, Campinas. *Anais do X Seminário Nacional do HISTEDBR: 30 anos do HISTEDBR (1986-2016). Contribuições para a História e Historiografia da Educação Brasileira*. Campinas, 2016, p. 1-19.

New-York Daily Tribune. *Learning at play*. The Kindergarten and its place in the school system. New-York Daily Tribune. Nova York, n. 22.210, p. 10 (III parte), 7 de setembro de 1907. Disponível em: <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1907-09-07/ed-1/seq-24/>. Acesso em: 5 ago. 2015.

New-York Daily Tribune. *United of Education*. To secure this kindergartners, teachers and parentes should confer says Mrs. Kraus-Boelté. New-York Daily Tribune. Nova York, n. 19.769, p. 5 (I parte), 31 de dezembro de 1900. Disponível em: <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1900-12-31/ed-1/seq-5/>. Acesso em: 5 ago. 2015.

The New York Times. *Mme. Krau's life work*. A pupilo of Mme. Froebel she has been engaged in Kindergartening for forty years. The New York Times, p. 20 (II parte), 3 de junho de 1900.

The New York Times. *Mrs. Maria Kraus-Boelté*. The New York Times, p. 21 (I parte), 3 de novembro de 1918.

The New York DAILY TRIBUNE. Reception for Mrs. Kraus-Boelté. Forty years of Kindergarten work celebrated by alunae. *New-York Daily Tribune*. Nova York, n. 19.551, p. 6 (II parte), 27 de maio de 1900. Disponível em: <<http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1900-05-27/ed-1/seq-22/>>. Acesso em: 5 ago. 2015.

PEABODY, E. Development of the Kindergarten. In: BARNARD, H. (Org.). *Papers on Froebel's Kindergarten with suggestion on principles and methods of child culture*. Hartford: Office of Barnard's American Journal of Education, 1881.

RAGO, M. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

SHEPLEY, C. F. *Susan Blown*: bringing public kindergarten to the U.S. History Happens Here, Missouri History Museum, March 8, 2011. Disponível em: <<http://www.historyhappenshere.org/node/6931>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

SHORT, V. M. A modern history of early childhood education in the United States. In: SMITH, P. W., SHORT, V. M. (Orgs). *A point in time... readings in early childhood education*. New York: Mss Information Corporation, 1973. p. 10-9.

SOUZA, J. E. A instrução pública brasileira nos panfletos de Tavares Bastos (1861-1873). *Revista HISTEDBR*, v. 10, n. 37, p. 220-37, mar. 2010. <https://doi.org/10.20396/rho.v10i37.8639675>

TEIXEIRA, G. B. A imprensa pedagógica no Rio de Janeiro: os jornais e as revistas como agentes construtores da escola (1870-1919). 2016. 350 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016..

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular e tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WALTER, L. Bertha von Marenholtz-Bülow and the Kindergarten. In: BARNARD, H. (Org.). *Papers on Froebel's Kindergarten with suggestion on principles and methods of child culture*. Hartford: Office of Barnard's American Journal of Education, 1881.

WINTHER, F. Diesterweg's Wegweiser. In: BARNARD, H. (Org.). *Papers on Froebel's Kindergarten with suggestion on principles and methods of child culture*. Hartford: Office of Barnard's American Journal of Education, 1881.

**Submissão em:** 28-03-2017

**Aprovação em:** 04-09-2017